

O HUMOR PRESENTE NO “PIRRALHO”. Mariane Pacheco De Conti,
Christiane Pacheco De Conti, Benedito Antunes. – Letras – Departamento de Literatura
– Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis.

O início do século XX, no Brasil, foi repleto de mudanças e transformações, tanto no campo político, econômico, social, como também no campo literário. É importante lembrar que o período foi propício à industrialização da imprensa, pelo menos no plano literário. Pagava-se muito bem por colaborações literárias, sendo assim a literatura se fazia cada vez mais presente nos jornais e revistas da época.

Em São Paulo, houve certa necessidade de se ter uma revista ilustrada como a *Kosmos*, que foi criada no Rio de Janeiro, em 1904, nos moldes da revista *L' Illustration Française*. Foi neste momento, agosto de 1911, que surgiu *O Pirralho* em São Paulo. O periódico foi criado por Oswald de Andrade e Dolor de Brito, sendo que estes possuíam ainda a colaboração do caricaturista Voltolino. *O Pirralho* era uma revista além de humorística, literária, social e até política.

Segundo o crítico literário Brito Broca, *O Pirralho* “acabou sendo a revista mais importante do 1900 paulistano, e se tornou a mais representativa do nosso pré-modernismo”.

A literatura se fez presente na revista através de contos, crônicas, entrevistas literárias, poemas, colunas humorísticas, notícias de arte, dentre outras manifestações que enriqueciam suas páginas.

O periódico contava com a atuação do irreverente Juó Bananére, uma figura pitoresca que através da ridicularização de valores formais ainda presentes na nossa literatura, anunciava o Modernismo que estava chegando para acabar com o atraso literário e cultural que se encontrava o Brasil.

Juó Bananére foi criado por Alexandre Ribeiro Marcondes Machado (1892-1933), intelectual e amigo de Oswald de Andrade.

O personagem mais original e satírico nasceu oficialmente em outubro de 1911, no número 10 permanecendo n’ *O Pirralho* até junho de 1917 com algumas colunas, dentre elas “As Cartas d’ Abax’ o Piques”.

A coluna era escrita em português macarrônico, o qual imitava a fala de imigrantes italianos que vieram para o Brasil no começo do século XX para trabalhar em plantações de café em São Paulo.

O próprio nome Juó Bananére ilustra essa mistura de costumes, uma vez que seu criador adaptou um nome comum aos brasileiros, “João”, e uma das frutas mais encontradas no país, a banana, para servir de sobrenome ao personagem, de modo que se encaixasse ao molde italiano de se pronunciar. Bananére constituía um imigrante italiano personificado através dos pincéis de Voltolino, que deu vida inclusive aos membros de sua família, ilustrando seus filhos, esposa, genro, dentre outros.

Juó Bananére escrevia suas cartas humorísticas em linguagem ítalo-brasileira e atacava constantemente a política nacional, criticando e zombando principalmente o Marechal Hermes da Fonseca. Publicava ainda algumas paródias poéticas de nossa tradição literária, como, por exemplo, algumas fábulas de La Fontaine e sonetos, principalmente de Olavo Bilac.

Alguns estudiosos do período pré-modernista consideram a influência do *art nouveau* um elemento fundamental a ser explorado em nossa literatura, uma vez que pretendia produzir aqui no Brasil inovações no campo das letras, assim como acontecia na Europa. José Paulo Paes fala sobre essa perspectiva de inovar e de ser diferente, que era a ideologia que muitos literatos da época seguiam.

Sendo assim, o periódico *O Pirralho* nos mostra claramente a presença do *art nouveau* em suas páginas através das caricaturas de Voltolino, mas principalmente através das cartas humorísticas, escritas em língua macarrônica por Juó Bananére, que criticava a política e a sociedade com graça e originalidade.

A literatura pré-modernista se fez presente no *Pirralho* através de colaborações de escritores e intelectuais da época, que se expressavam na revista de maneiras variadas, seja através de um poema, uma crônica ou uma entrevista. *O Pirralho* alcançou grande repercussão

na época, pois a figura de Bananére constituía já um prenúncio das grandes manifestações que estavam por vir com os revolucionários modernistas.

O presente trabalho consistiu na indexação e catalogação das matérias literárias presentes no periódico *O Pirralho* durante o período de 1915 a 1918, visando ao mapeamento de todas as manifestações literárias nele verificadas. Sendo assim, tais atividades foram realizadas no CEDAP - Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa da FCL – UNESP de Assis, onde o periódico estava disponível em cópia microfilmada. A pesquisa constituiu-se de uma parte teórica e de uma parte prática, ou seja, primeiramente realizou-se um estudo bibliográfico de aspectos históricos, culturais e literários das primeiras décadas do século XX, a chamada República Velha, e em seguida a leitura do periódico *O Pirralho*, propriamente dito.

À vista disso, foi realizado um levantamento de todas as matérias publicadas no periódico que, de alguma forma, se relacionam à literatura. Assim, estão anotados contos, poemas, fragmentos de romance ou peças teatrais, crônicas, artigos, notícias, entrevistas e colunas que se ocupam de literatura. Esses textos foram indexados por meio de uma ficha própria, contendo campos para as seguintes informações: matéria, autor, tipo de matéria, resumo, palavra-chave, índice onomástico.

Publicado na segunda década do século XX, o periódico em questão era visto normalmente como conservador no tocante à literatura. Observou-se, no entanto, que ele veiculou diversas experiências textuais, inclusive de seu criador Oswald de Andrade, que provavelmente influenciaram na luta modernista contra o academismo literário então vigente. Trata-se de crônicas e outros tipos de textos humorísticos que comentavam os fatos do momento e tinham enorme repercussão entre os leitores da época.

Vera Chalmers, em seu estudo sobre o jornalismo de Oswald de Andrade, declara que “o modo de representação cômica desta literatura com seus vários gêneros (tais como o português macarrônico, o pastiche), a que se associam os gêneros franceses (como o trocadilho, a trepanação, o soneto e, ainda a sátira, a polêmica, a injúria e a paródia) praticados pela boêmia, parece constituir a crítica ao parnasianismo e preparar o terreno para os debates, que se abrirão com as manifestações da Semana”. Segundo a autora, *O Pirralho* é uma revista para a classe alta (promove concursos de beleza e de simpatia entre os moços e moças ‘da sociedade’, publica fotografias) embora use técnicas do jornalismo humorístico popular, principalmente nas ‘tiras’ de Voltolino, que são historietas em quadrinhos. A revista é irreverente, mas não ultrapassa o limite do decoro de uma publicação para a gente bem educada. O humorismo não atinge a dimensão do humor escatológico do grotesco popular.

O Pirralho documenta o cotidiano político e mundano da época e, pelo lado da exploração humorística dos dialetos registra a reportagem da vida paulista, apresentando ligações com uma mistura do sério e do cômico que destrói a hierarquia entre o elevado e o baixo, o elegante e o vulgar. A imitação do português dialetal das camadas pobres reproduz a fala inculta dos imigrantes, que se misturam às camadas mais baixas da população da capital. Como brasileiros recém-assimilados, comparam as experiências da nova pátria à antiga, e é na inadequação das suas observações ao contexto da realidade brasileira que se configura seu grotesco(...).(p. 46)

O início do século XX foi marcado por agitações políticas, sociais e literárias, principalmente em São Paulo, que era onde estava ocorrendo a expansão cafeeira, e por isso vários imigrantes chegavam a todo momento à capital paulista. Toda a movimentação foi refletida na imprensa da época, e *O Pirralho* merece destaque pela maneira com que tratou de tais acontecimentos, sempre com originalidade. A revista, por ser formada por figuras singulares como Oswald de Andrade, Voltolino, Guilherme de Almeida e outros, tornou-se um ícone da renovação social, política e literária.

Maria Alice Faria, 1979, escreveu sobre o periódico *O Pirralho*, destacando seu caráter político, já que acreditava ser este voltado mais para tal campo de abordagem, minimizando assim, o valor literário do mesmo. Para ela, a literatura em *O Pirralho* “é uma seção sem características fixas, sem lugar determinado, ora se intensificando, ora quase ausente em certos números”. De acordo com sua definição, *O Pirralho* “é antes de tudo uma publicação humorística, visando especialmente à política do tempo, mas apresentando em suas diferentes fases, páginas dedicadas à literatura, ao mundanismo, aos esportes”; revela, entretanto, dois

aspectos constantes do periódico: a caricatura política e textos em português macarrônico, que dão graciosidade e o tom humorístico da revista.

Ambas as autoras consideravam a revista irreverente, mas “não ultrapassava o limite do decoro de uma publicação para gente bem-educada, não atingindo a dimensão do humor escatológico do grotesco popular”; sendo assim, acreditavam que *O Pirralho* não merecia tanto destaque, uma vez que esta só conseguia agradar à elite intelectual paulista.

Maria Alice Faria demonstrou demasiada importância política ao tratar da revista *O Pirralho*, deixando de lado seu verdadeiro caráter literário e humorístico, que constituía o espírito do periódico nas figuras de Oswald de Andrade, do caricaturista Voltolino, das cartas de Juó Bananére, escritas em estilo macarrônico. Maria Alice não enxergou os elementos prenunciadores do movimento modernista no *Pirralho*, atribuindo à literatura deste um valor secundário, enquanto o crítico, Brito Broca, 1954, afirmou que “só a presença de Juó Bananére nas suas páginas, constituía uma nota viva de irreverência e demolição” e suas cartas “prepararam terreno para o Modernismo, ridicularizando muitos dos valores formais, em que repousava a literatura brasileira”.

Contudo, o que se percebeu com a leitura do periódico em questão, é que características inovadoras que seriam base do movimento literário seguinte, o Modernismo, já se encontravam presentes no *Pirralho*, como a irreverência, a sátira, o humor, dentre outros, que deram à revista sua devida importância nos meios culturais da época, transcendendo aos dias atuais, uma vez que retratou artisticamente a sociedade paulista do início do século XX.

Referências Bibliográficas

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil - 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

CHALMERS, Vera. *3 linhas e 4 verdades*; o jornalismo de Oswald de Andrade. São Paulo: Duas Cidades/Secretaria da Cultura, Ciência e tecnologia, 1976.

FARIA, Maria Alice. A literatura de O Pirralho. *O Estado de S. Paulo*, 8 abr. 1979, Suplemento cultural, p. 5-7.

O PIRRALHO (periódico). São Paulo, 02 jan. 1915 a 24 fev. 1918.

PAES, José Paulo. O *art nouveau* na literatura brasileira. In: _____. *Gregos & baianos*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Bolsa: Pibic/UNESP